



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CIRCUITOS E SOCIABILIDADES EM JOÃO PESSOA E EM MAMANGUAPE

Marco Aurélio Paz Tella

Prof. Adjunto I do Curso de Antropologia e PPGA/UFPB Campus IV

marcoareliopaz@hotmail.com

Este artigo integra as atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Etnografias Urbanas (Guetu), no Curso de Antropologia, UFPB, campus IV. O projeto do grupo tem como objetivo mapear, analisar e compreender a dinâmica urbana, rural e marítima da capital da Paraíba, João Pessoa e do Litoral Norte paraibano, a partir da elaboração de etnografias que possibilitem a construção de trajetos e trajetórias, sobre a configuração de suas cidades, municípios e a multiplicidade etnicorracial, de geração e de gênero de sua população.

Assim, em conformidade com os objetivos do grupo de pesquisa, o presente artigo pretende apresentar alguns análises parciais¹, sobre dois grupos de *break dance*, nas cidades de Mamanguape e de João Pessoa e como ambos os grupos se apropriam de equipamentos urbanos para desenvolver suas dinâmicas artísticas.

O break é o estilo de dança que compõe uma das artes da cultura hip-hop². Este movimento vem se constituindo, desde meados da década de 80, na principal expressão artística de parcela de jovens pobres e negros moradores de bairros periféricos de grandes e médias cidades brasileiras. O hip-hop caracteriza-se por ser produzido e consumido por jovens que moram em cidades onde as tensões sociais e econômicas são latentes. Fato que se tornou base e o ponto de partida para a produção artística dos grupos deste movimento. As periferias e favelas são ao mesmo tempo inspiração e cenário para o fenômeno do hip-hop.

Os dois grupos³, foco deste artigo, também surgiram em locais desassistidos pelo poder público. O grupo Original Culture Break (OCB) surgiu no bairro Costa e Silva, na

¹ A pesquisa ainda não foi finalizada.

² As outras artes do hip-hop são: rap, discotecagem e grafite.

³ Até o momento, realizei quatro entrevistas com b-boys, dois de cada grupo, além da observação participante, em ensaios, rodas de break e campeonatos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

beira da BR 101, na saída de João Pessoa, sentido Recife. O grupo S23⁴ surgiu na cidade de Mamanguape, localizada na beira da rodovia BR 101, entre as cidades de João Pessoa e Natal.

João Pessoa, capital da Paraíba, chama a atenção pelo seu destacado patrimônio histórico e cultural, por ser considerada a cidade mais verde do Brasil, pelos 35 quilômetros de praias e ainda bastante preservadas e pelos baixos índices sociais nas áreas da educação, saúde, mortalidade infantil, violência⁵, etc., acarretando sérios problemas sociais e econômicos. A cidade de João Pessoa, um dos estados mais pobres do país, tem cerca de 710.000 habitantes dos mais diversos contextos sociais, econômicos e culturais, com níveis de inserção diferenciados em seu cotidiano. Parte significativa de seus habitantes reside em favelas espalhadas pela cidade e nos bairros degradados e pouco assistidos pelo poder público, refletindo em inúmeros problemas urbanos, como poucas áreas de lazer⁶, saneamento básico, segurança pública, transporte, educação, saúde, etc.

O bairro Costa e Silva, onde fica o Centro Cultural no qual os *b-boys* da OCB se encontram para treinar, também sofre de problemas como segurança pública. Quando iniciei meu trabalho etnográfico, observando os ensaios do grupo, ocorreu uma chacina co grande repercussão na cidade e, por algumas semanas o bairro sofreu um toque de recolher imposto por traficantes que agiam no bairro.

Este é mais um obstáculo enfrentado pelos *b-boys* do grupo, já que os ensaios acontecem todas as terças e quintas entre 19h e 21h. Na saída dos ensaios, todos procuram sair em grupo, como possível forma de se sentirem mais protegidos.

O outro grupo, S23, nasceu na cidade de Mamanguape, localizada no Litoral Norte paraibano, microrregião formada por onze municípios⁷. Mamanguape possui a maior população do Litoral Norte, cerca de 40.500 habitantes. É uma cidade com características peculiares, com estigma de ser uma cidade violenta ou a mais violenta

⁴ S23 é uma referência ao Salmo 23 “O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”, muito utilizado por outros grupos da cultura hip-hop, como o grupo de rap paulistano, Racionais MC’s.

⁵ Segundo dados do Mapa da Violência 2010, João Pessoa aparece como a quarta capital mais violenta do Brasil. O estudo foi realizado com informações fornecidas pelos números de homicídios do Ministério da Saúde.

⁶ Nos últimos anos a prefeitura local tem realizado projetos de revitalização de praças públicas, construção de pistas de skate, com o objetivo de disponibilizar áreas de lazer.

⁷ Os municípios são: Baía da Traição, Capim, Cuité de Mamanguape, Curral de Cima, Itapororoca, Jacaraú, Mamanguape, Marcação, Mataraca, Pedro Régis Rio Tinto.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

do Litoral Norte, com precário planejamento urbano, com parte significativa de sua população desempregada ou trabalhando no setor informal e no corte de cana, além de ser um lugar de passagem, já que se encontra na beira da estrada que liga duas capitais, Natal/RN e João Pessoa/PB, na BR 101.

Para o projeto, é indispensável compreender ambas as cidades, como cenário das manifestações e dinâmicas dos dois grupos de b-boys. São nas cidades que os membros dos dois grupos buscam inspiração e produzem novas identidades e formas de sociabilidade. No entanto, as cidades de João Pessoa e, principalmente, Mamanguape fogem um pouco do perfil das metrópoles, marcadas pelo cosmopolitismo, mesmo assim tornaram-se cenários para as manifestações da cultura hip-hop.

A cidade de João Pessoa está localizada entre duas capitais mais procuradas pelo turismo nacional e internacional, o que proporciona a ela um perfil diferente das cidades de Natal e Recife. Já Mamanguape é uma cidade de pequena escala, com uma forte presença do estilo de vida rural. Entretanto, ambas as cidades possuem diversidades de estilos de vida e de novas e antigas formas de sociabilidades entre seus moradores, que podem ser definidos como *urbanos*. José Guilherme Magnani define este estilo de vida como “um conjunto de códigos induzidos por e exigidos para o uso de equipamentos, espaços e instituições urbanas e responsáveis pelo desempenho de formas de sociabilidade adequadas” (1998: 58). Essa noção abrange também o conjunto de conhecimentos usados para determinados recursos, bens e serviços oferecidos pela cidade.

Pode-se afirmar que Mamanguape, devido a algumas características apresentadas acima e pela sua proximidade espacial com a capital do Estado, João Pessoa, configura-se em uma cidade em transição para um contexto urbano. Assim, tanto João Pessoa como Mamanguape podem proporcionar processos e fenômenos sociais visíveis de observação e interpretação para a Antropologia Urbana. Assim, parte-se o pressuposto de que João Pessoa e Mamanguape, respeitando suas particularidades, recebem influências sociais e culturais de diferentes lugares – urbano e rural –, produzindo e reproduzindo identidades, interações, conexões, redes de amizade, comportamentos, sociabilidades e estilos de vida urbanos.

Por outro lado, com o crescimento de Mamanguape e João Pessoa e de suas dinâmicas urbanas, como a violência, por exemplo, embora haja no senso comum essa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tendência, as duas cidades não estão passando por processos de descontinuidades das relações sociais (Hall, 1999), das atitudes “*blasé*” e de “reserva” (Simmel, 1987), da desorganização da cultura, da ausência de atores sociais⁸, dos *não-lugares* (Auge, 1994), do lugar de solidão, da violência sem limites, do individualismo, das poluições, das relações competitivas e efêmeras, da desqualificação social, do medo, da desconfiança (Baumann, 2009), num território onde tudo isso acontece de forma tediante e homogênea.

Os jovens que se organizam e desenvolvem novas dinâmicas sociais e culturais, a partir da cultura hip-hop, contrariam algumas destas características imputadas às cidades.

Os B-Boys

Como ocorrido em outras cidades brasileiras, o primeiro elemento da cultura hip-hop praticado em João Pessoa foi o break. Em meados da década de 1980, b-boys⁹ já dançavam no centro da capital paraibana. Mas foi somente em 2001 que a OCB começou a ser orquestrada, dentro de um projeto de dança numa escola pública do bairro Costa e Silva. O primeiro nome do grupo foi União Break que, em 2007, após alguns conflito mudou para Turma do Bairro, até chegar, em 2008 na denominação atual, Original Culture Break (OCB). O nome surgiu depois de longa pesquisa, já que o objetivo do grupo era registro do nome do grupo.

O grupo OCB possui mais ou menos vinte membros, b-boys¹⁰ que se encontram todas as terças e quinta à noite para ensaiar, criar coreografias e discutir as posições que o grupo deve assumir, responder convites para desenvolver oficinas de danças e convites para campeonatos de b-boys¹¹. Nos fins de semana o grupo se reúne para disputar campeonatos em João Pessoa ou em outra cidade ou Estado¹² e, quando não

⁸ Nesta visão pejorativa da cidade, Magnani diz que os únicos atores reconhecidos “são os representantes do capital e das forças do mercado: financistas, agentes do setor imobiliário, investidores privados. Personagens como os ‘animadores culturais’ – consultores, arquitetos, artistas e demais intelectuais – também se fazem presentes, mas a serviço dos interesses do capital.” (2002).

⁹ O b-boy Vant foi um dos precursores do hip-hop na Paraíba. Hoje ele coordena um projeto artístico, a Tribo Éthnos, que desenvolve práticas artísticas nas artes plásticas, poesia, música, teatro, vídeo, dança de rua, balé, etc.

¹⁰ No grupo há b-boys que desenvolvem outros elementos do hip-hop, como a discotecagem e o grafite.

¹¹ Os campeonatos de *b-boys* seguem as mesmas regras e formato, com três jurados b-boys. As disputas podem ser de um *b-boy* contra o outro, ou de duplas, trios, quartetos, etc.

¹² Acompanhei o grupo num campeonato em Fortaleza. Foram 17 horas de viagem dentro de um micro-ônibus (patrocinado pela prefeitura de João Pessoa), com poltronas de plástico.



tem campeonato, os b-boys realizam rodas de break, geralmente em praças públicas e no calçadão da praia que divide as praias de Tambaú e Cabo Branco.

A proposta do grupo, além dos exaustivos ensaios, é estudar a dança para aprimorar tecnicamente os movimentos e para difundir os elementos da cultura hip-hop. Por isso, a importância das apresentações no formato de roda de break em praças públicas e no calçadão da praia, locais de grande circulação, pois querem romper com representações preconceituosas que, segundo alguns b-boys da OCB, algumas pessoas têm, dos b-boys e da dança.

Outro parte significativa do trabalho dos b-boys da OCB é a realização de oficinas de dança para outros grupos de jovens b-boys. Além de ensinar técnicas da dança break, a OCB quer difundir a história e importância da cultura hip-hop. Esta é a mesma preocupação do grupo de b-boys da cidade de Mamanguape, o S23.

Os elementos do hip-hop chegaram em Mamanguape somente em meados da década de 2000. Hoje a cidade possui quatro grupos de b-boys, entre eles o S23, o mais antigo grupo. O grupo é o mais antigo, mas o nome é novo. O primeiro nome do grupo foi Black Power New. A mudança de nome do grupo ocorreu por dois motivos: os membros do grupo viram que a expressão Black Power ou a questão etnicorracial não significava nada para eles e, a referência bíblica do nome sucedeu devido a aproximação dos fundadores do grupo com uma igreja evangélica da cidade de Mamanguape.

Diferentemente do que aconteceu com o grupo OCB, os campeonatos ou disputas entre b-boys é secundário para os membros do S23. O compromisso em criar o grupo foi o de difundir a cultura hip-hop para a cidade. As rodas de break e as oficinas realizadas nas escolas públicas da cidade são importantes neste processo. As rodas de break acontecem em quase todos os finais de semana, principalmente na praça logo na entrada da cidade, a mais movimentada da noite, ponto de encontro de famílias e jovens nos dias da semana e fins de semana.

O grupo se reúne duas vezes por semana, as quartas à noite e domingo no período da tarde, no centro cultural Fênix, instalado no antigo mercado municipal, no centro comercial de Mamanguape. Alguns b-boys do S23 são agentes culturais da prefeitura¹³, que tem como proposta realizar oficinas de dança, como frevo, dança do

¹³ Os agentes culturais da prefeitura de Mamanguape ganham uma ajuda de custo de R\$ 120,00, e que é, em grande parte dos casos, a única fonte de renda desses jovens.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ventre, forró, etc. Assim, segundo os b-boys agentes culturais, eles utilizam estas oficinas para difundir a dança break, já que todos não escondem a preferência por esse estilo de dança.

Entre os entrevistados até o momento, com b-boys dos dois grupos, todos foram enfáticos em destacar o preconceito com a cultura hip-hop, com o estilo de música praticado por eles, da dança e das roupas. Há aqui dois elementos que se deve considerar: primeiro é a percepção desses jovens sobre preconceito do outro sobre sua atividade artística; outro é a associação, de fato, dos segmentos mais pobres da sociedade e de seu estilo de vida, a um modo distante dos padrões ditos normativos da sociedade brasileira. Essa associação, elaborada sob estereótipos e estigmas, construídos ao longo da história, de modo geral, passa pela combinação de formas de lazer que se caracterizam pelo coletivismo, por práticas religiosas diferenciadas, pela eficiência profissional, por determinados estilos de músicas consumidos. Os jovens b-boys entrevistados tem a percepção de que seus estilos de vida são considerados e tratados de forma pejorativa, sempre com o propósito de desqualificar suas atividades artísticas. Os problemas sociais, associados ao estigma que o grupo carrega, corroboram para uma relação cotidiana permeada de preconceitos e discriminações.

Características atribuídas é um conjunto de elementos que identificam e diferenciam um grupo, daqueles que às imputaram. Segundo Wieviorka (2002), antes mesmo de o grupo se aperceber enquanto um coletivo com identidade, a sociedade impõe uma imagem sobre as pessoas do grupo, constituindo uma identidade imposta. Essa identidade passa pela associação da hierarquia social e hierarquia étnica representada no olhar da sociedade sobre os afro-descendentes: “A inferiorização, a dominação, a exclusão não se aplicam apenas a indivíduos enquanto tais. São ainda mais eficazes e temíveis pelo fato de encerrarem os indivíduos em categorias coletivas mais susceptíveis que outras de serem subordinadas ou inferiorizadas” (Wieviorka, 2002: 55).

Estes jovens b-boys, com privações sociais e culturais, se organizam em grupos, apropriam-se dos equipamentos urbanos e da cultura hip-hop, na perspectiva da construção da alteridade, o que reflete na afirmação da auto-imagem pessoal, invertendo os elementos culturais estigmatizados pela sociedade. O combate aos estigmas e preconceitos, frequentemente destacados nas entrevistas, pode ser encarada como uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

das principais características da cultura hip-hop. Neste processo, o S23 e o OCB apresentam aos membros de seus grupos e, posteriormente ao *out-group*, “não apenas na perspectiva da privação, da exclusão, da desqualificação —, mas também como são capazes de introduzir qualquer coisa de construtivo, de positivo, de culturalmente valorizado e valorizável.” (Wieviorka, 2002: 150).

O combate aos preconceitos pode parecer simples mecanismos de defesa, no entanto é um processo complexo que têm dupla ação, se não simultâneas, sucessivas. A primeira é a transformação de si próprio, enquanto indivíduo a quem, desde sua infância, foram impostos valores de rejeição, humilhação, desqualificação. A segunda é o embate com a imagem que ele e seu grupo representam para a sociedade.

Dessa forma, os b-boys do OCB e S23 retomam bandeiras de antigas lutas. Mostrando-as atuais num contexto social como o que nós estamos vivendo hoje. Ou seja, busca reunir o moderno (resistência e manifestação dentro de uma “cultura globalizada”) com o tradicional (construção de identidade e as antigas lutas sociais, no interior de duas cidades, principalmente Mamanguape, com forte presença de elementos rurais) que, dentro deste contexto, se intensificam. O tema adquire significação sócio-cultural, a partir do momento em que o movimento se estrutura na juventude pobre e negra de bairros pobres de centros urbanos. Constituindo-se como instrumento de novas sociabilidades, novas formas de lazer e contestação de uma realidade social.

No processo de construção de identidades, a cultura hip-hop proporciona visibilidade social às estes jovens e seus respectivos grupos, possibilitando confiança e auto-imagem positiva. Ao crescer em ambientes desfavoráveis à sua sociabilização, o jovem pode comprometer seu amadurecimento enquanto indivíduo, e sua formação enquanto sujeito. Ser foco de discriminação devido à sua origem social ou à sua cor da pele e alvo de representações sociais e étnicas carregados de estigmas, inviabiliza a construção de uma auto-imagem positiva da pessoa e do grupo ao qual pertence. A invisibilidade social enquanto um problema pessoal que passa a ser social “é ainda mais dolorosa do que a solidão física, que pode ser resolvida ou amenizada por diversos meios, é viver entre os outros sem deles receber qualquer manifestação” (Todorov, 1996: 70). O desejo de construir uma imagem positiva para a sociedade, empenho do grupo em obter reconhecimento público, torna-se essencial: “O reconhecimento de



nossa existência, condição preliminar de toda coexistência, é o oxigênio do homem” (Todorov, 1996: 69).

Podemos identificar dois aspectos importantes para os jovens dos dois grupos de b-boys que estão ligados à cultura hip-hop: por um lado, a possibilidade de passar da invisibilidade para o reconhecimento social dos seus problemas, como também das suas qualidades; e por outro, ao obter visibilidade, romper com a imagem estigmatizada que foi imposta pela sociedade. Os dois aspectos podem refletir de forma importantíssima nas vidas das pessoas que se identificam com a cultura hip-hop.

Considerações Finais

Os grupos de jovens b-boys e a cidade se relacionam intensamente, os primeiros se apropriando dos equipamentos urbanos. A cidade deve ser analisada como consequência desses processos sociais e lugar onde eles se dinamizam, local que acontece a multiplicidade¹⁴ de práticas sociais, pois, as pessoas, segundo Maffesoli, possuem “perdurância societal” (1987: 50).

As praças públicas, o calçadão da praia, os centros culturais, as escolas públicas, locais de apresentações de rodas de break, campeonatos e treinos dos b-boys, são estratégias de novas formas de apropriação dos espaços e equipamentos públicos. Os b-boys dão novos sentidos a esses espaços, ao mesmo tempo que reafirmam estes como locais de práticas associativas, estabelecendo novas e antigas formas de sociabilidade e solidariedade, marcando diferenças, expondo seus corpos, grupos e códigos de identificação, difundindo a cultura hip-hop e rompendo com os preconceitos e estigmas presentes na sociedade.

A etnografia é o instrumento principal de pesquisa na cidade de diferentes escalas, a observar minuciosamente os espaços por onde circulam os grupos juvenis,

¹⁴ Esta multiplicidade é reflexo dos processos de “globalizações”. Para Santos (2002), cultura seria, inclusive, processos em negociações entre diferentes e, no qual a globalização cultural pode estimular o contato e confrontar culturas diferentes: “A cultura é, por definição, um processo social construído sobre a intercepção entre o universal e o particular. (...) Poderíamos até afirmar que a cultura é, em sua definição mais simples, a luta contra a uniformidade. Os poderosos e envolventes processos de difusão e imposição de culturas, imperialisticamente definidas como universais, têm sido confrontados, em todo o sistema mundial, por múltiplos e engenhosos processos de resistência, identificação e indigenização culturais” (Santos, 2002: 47). Mesmo neste processo de resistência, se intensificam as diversidades, escreve esse autor: “Nas atuais circunstâncias, só é possível visualizar culturas globais pluralistas ou plurais” (Santos, 2002: 47). Este fluxo ou o fluir de ícones e símbolos culturais, não acontece somente no sentido horizontal. Há um sentido vertical (Boaventura, Caclini, Ortiz, Hall) da produção desses elementos culturais. Mesmo assim, “ao mesmo tempo, ao se inflitirem localmente, os fluxos globais diversificam-se de acordo com esquemas culturais particulares” (Sahlins, 1997: 21).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” (Magnani, 2005: 177). Desta forma, é preciso também analisar os contextos sociais, econômicos, políticos, culturais em que os grupos juvenis estão inseridos. De modo que é possível conhecer e analisar o interior dos grupos e suas relações com a cidade e com outros grupos e atores sociais.

É importante salientar que os b-boys dos dois grupos tem perfis sócio-econômicos semelhantes, com dificuldades de acesso e consumo de equipamentos – equipamentos de som – e roupas próprias para a prática da dança¹⁵. Os b-boys de João Pessoa possui mais experiência, pois participam mais de campeonatos, ofertam oficinas e estão numa cidade que proporciona mais a troca de informações. Os b-boys de Mamanguape tem acesso às informações, técnicas e novas coreografias por meio da internet e do contato estabelecido com os b-boys do grupo OCB e com a Tribo Éthnos.

Para ambos os grupos, é fundamental a manutenção das redes sociais de contato, como forma de garantir o desenvolvimento da dança e preservar algumas condutas entre os b-boys. Nas entrevistas, todos destacam a preocupação com condutas individualistas e “arrogantes” de alguns b-boys. Tais posturas são encaradas como um perigo para o grupo ou cultura hip-hop. Os b-boys temem pela coesão de seus grupos.

Outro aspecto importante é que esses grupos promovem, de acordo com a categoria de Magnani (2002), “circuitos” de campeonatos, rodas de break, oficinas em suas cidades, no Estado da Paraíba e nos Estados vizinhos, como Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará. Por meio desses circuitos, diversos grupos se encontram, constituem laços, formam outros grupos, constituem alianças. Um outro exemplo é o desejo dos líderes do S23 em constituir uma organização de b-boys das onze cidades do Vale do Mamanguape¹⁶, o VMB. O objetivo é aproximar e estabelecer uma rede de b-boys e grupos para socializar a cultura hip-hop, dinamizar a informação, conhecimento deste estilo de dança, divulgar rodas e campeonatos de b-boys.

Este projeto ainda não está finalizado, mas acho importante destacar a importância na análise e interpretação do que acontece no cotidiano destes jovens, pois podemos captar conflitos, acordos, cisões, junções, tensões, posições ideológicas, crises,

¹⁵ Os b-boys de Mamanguape parecem mais simples na composição das roupas, decorrência da menor renda desses jovens.

¹⁶ Muitas cidades do Vale de Mamanguape são vizinhas da área indígena Potiguara. Um grupo de b-boy da aldeia Mont-Mor, vizinha a cidade de Rio Tinto, possui índios b-boys.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

afetividades de cada pessoa. É, neste cotidiano, que temos mais possibilidades de compreender as interpretações, as representações, as percepções que as pessoas têm das relações existentes na e da sociedade. Desta forma, podemos mapear os trajetos, circuitos, redes sociais desses grupos. E esses retratos evidenciam os contrastes e diversidades das vidas juvenis nas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. 1999. Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. RJ, Garamond.

AUGÉ, Marc. 1994. Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Super-modernidade. Campinas. Papirus.

BAUMAN, Zygmunt. 2009. Confiança e Medo na Cidade. RJ, Jorge Zahar.

BAUMAN, Zygmunt. 2001. Modernidade Líquida. RJ, Jorge Zahar Editor.

CANCLINI, Néstor Garcia. 2001. La globalizacion imaginada. Buenos Aires, Paidós.

CANECACCI, Massimo. 2008. “Imaginários culturais da cidade”, in COELHO, Teixeira (org). A cultura pela cidade. SP, Iluminuras.

CANECACCI, Massimo. 2005. Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. RJ, DP&A.

COSTA, Márcia Regina. 2000. “Juventude, indisciplinas e novas formas de sociabilidade”, in Margem. SP. Faculdade de Ciências Sociais, PUC/SP, nº 12.

FEIXA, Carles. 1999, De jóvenes, bandas y tribus. Barcelona, Editorial Ariel.

FRÚGOLI Jr., Heitor. 2005. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. SP, In Revista de Antropologia, vol. 48, n 1.

FRÚGOLI Jr, Heitor. 2003. “A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen – Holanda”. SP, In Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.18 nº 52.

GOFFMAN, Erving. 1998. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4º Ed. RJ, Editora Guanabara.

HALL, Stuart. 1999. A identidade cultural na pós-modernidade. 3º ed. RJ, DP&A..

HONORATO, Rossana. 1999. Se essa cidade fosse minha: a experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa. João Pessoa, Editora Universitária - UFPB.

IBGE. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. <http://www.ibge.gov.br>

MAFFESOLI, Michel. 1987. O tempo das tribos. RJ, Forense Universitária.

MAGNANI, José G. 2005, “Os circuitos dos jovens urbanos”. In Tempo Social, vol.17, nº 2, SP, nov.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MAGNANI, J. G. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 49. SP, jun. Disponível para leitura www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002.

PAIS, José Machado & BLASS, Leila (orgs.). 2004. Tribus urbanas: produção artísticas e identidades. São Paulo, Annablume.

PAIS, José Machado. 2003. *Vida Cotidiana: Enigmas e revelações*. SP. Cortez.

PARK, Robert. 1987. “A cidade sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano”, in VELHO, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*, RJ, Guanabara.

SANTOS, Boaventura de Souza. 2002. “Os processos da globalização”. In SANTOS, Boaventura de Souza (org.), *A globalização e as Ciências Sociais*, São Paulo, Cortez.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C 2004. Revitalização urbana e (re) invenção do Centro histórico na cidade de João Pessoa. 1ª. ed. João Pessoa, Editora Universitária - UFPB.

SIMMEL, Georg. 1987. “A Metrópole e a Vida Mental”. In, VELHO, Otávio Guilherme. (Org). *O Fenômeno Urbano*. RJ, Guanabara.

SOUSA, Anne Gabriele Lima. 2005. “Medos Urbanos e Sociabilidade em Tambaú”. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org), *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa, Editora Universitária - UFPB.

SOUZA, Leandro Cunha de. 2005. João Pessoa à Noite. Um estudo sobre vida noturna e sociabilidade, 1920 a 1980. João Pessoa. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Ciências Sociais.

TELLA, Marco Aurélio Paz e WELLER, Wivian. 2011. “Hip-Hop in São Paulo: Identity, Community Formation, and Social Action”. In, AVELAR, Idelber e DUNN, Christopher (orgs). *Brazilian Popular Music and Citizenship*. Duke University Press, Durham & London.

TELLA, Marco Aurélio Paz. 2006. “Reação ao Estigma: O RAP em São Paulo”. In *Revista Enfoques*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, IFCS-UFRJ.

TODOROV, Tzvetan. 1996. *A vida em comum: ensaio de antropologia geral*. Campinas, Papirus.

VALA, Jorge. 1997. “Representações Sociais e percepções Intergrupais”. In *Análise Social*. Vol. XXXII. Lisboa. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

VELHO, Gilberto. 1999a. *Individualismo e Cultura*. 5ª Ed.. RJ, Jorge Zahar Ed.

VELHO, Octávio Guilherme (Org). 1987. *O Fenômeno Urbano*. RJ. Guanabara.

WELLER, Wivian. 2006. “A invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis”. In: COSTA e SILVA (orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo, Educ.

WIRTH, Louis. (1987). “O urbanismo como modo de vida”. In, VELHO, Octavio Guilherme (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara.